

## A implantação do uso comercial da energia elétrica no Estado de São Paulo (1889-1955)



Renato de Oliveira  
Diniz

**Palavras-chave:** História da eletrificação; São Paulo (est.); processo social

**E**m 1986, o prof. Ricardo Maranhão apresentou o conceito de eletrificação como um processo social em oposição à ideia de eletrificação “como uma noção estritamente técnica ou econômica”. Propôs que se estudasse a implantação e o desenvolvimento do uso da energia elétrica, como um fator estruturante de uma sociedade, percebendo o caráter sócio/histórico/político desse processo; comparando-o ao conceito de industrialização. Quando estudamos a chegada da Light em São Paulo, na passagem do século XIX ao XX, vemos com clareza como se deu a expansão de capitais dos países centrais nos negócios de serviços públicos em todas as localidades onde foi possível implantá-los. Ao entendermos o fornecimento de energia elétrica como um serviço público, evidenciamos o caráter social e político da relação dos agentes sociais (empresa, poder público, população) envolvidos no processo de eletrificação.

Para a professora Raquel Glezer o papel da introdução da energia elétrica na vida e no crescimento

da cidade é considerado decisivo e traz nosso foco para as transformações incorporadas não só nas estruturas de produção pela nova forma de energia, mas também no desenvolvimento e na reprodução da urbanização, além dos fatores sociais e econômicos correlatos.

As primeiras iniciativas de uso sistemático da eletricidade em nosso país são contemporâneas dos aproveitamentos pioneiros dessa forma de energia na Europa e Estados Unidos, no final do século XIX, onde e quando se realizaram em profusão experimentos com essa 'nova' forma de energia; buscando criar dispositivos, máquinas e sistemas eficazes que pudessem ser utilizados em negócios rentáveis.

A partir dos primeiros anos do século XX, o Brasil, especialmente São Paulo, passou a conviver com essa revolucionária forma de energia. A capital paulista acompanhada por vilas e cidades do interior passou por um processo de adaptação não só no que se refere à tração das máquinas nas indústrias e dos bondes nas ruas, ou na forma de cozinhar. Ao substituir as lamparinas e os lampiões nas



Teatro Municipal de São Paulo, 1911, a eletricidade ilumina o teatro e demonstra a 'superioridade' das lâmpadas elétricas frente aos lampiões que iluminavam o centro da cidade. Acervo Fund. Energia e Saneamento - FES

salas, cozinhas e nas praças, a iluminação elétrica e a eletricidade ganharam ares de modernidade, passando a ser o "objeto do desejo" da população e dos capitalistas que apostaram nas potencialidades da indústria que despontava. Novos horários e costumes foram criados. Abriu-se a possibilidade de se investir numa nova frente o dinheiro da lavoura do café e de outros negócios. Devemos considerar que essas transformações ocorreram progressivamente nas residências mais abastadas e não se implantaram de maneira uniforme em todos os grupos sociais.

Para o comércio a eletricidade abriu a possibilidade do funcionamento noturno e a conservação de alimentos perecíveis (comércio de alimentos). Na "indústria" a tração humana, animal e mesmo a força hidráulica eram as formas mais utilizadas de energia. A eletricidade,

de, primeiro ilumina as fábricas para o funcionamento no período noturno e só depois é usada como fonte de tração e de calor.

De 1900, quando o serviço foi inaugurado, aos anos 1940, quando começou a sofrer a concorrência dos ônibus movidos a petróleo, o bonde foi o elemento central do processo de expansão de novas áreas incorporadas à vida da cidade, por exemplo, por meio da atuação conjunta da Light e da Cia. City. Oferecendo transporte fácil aos loteamentos da City a Light também criava mercado para o seu negócio de iluminação pública e fomentava o crescimento da cidade que acontecia em função do processo de desenvolvimento de novas atividades econômicas estimuladas pelos capitais advindos do café.

Até 1912, quando comprou a empresa de eletricidade de So-

rocaba, sua área de concessão limitava-se praticamente à capital. Podemos inferir que o consumo de energia elétrica nas residências, no comércio e na indústria, estimulava a tendência de crescimento da cidade de São Paulo. Flávio Saes indica, a partir de dados dos censos de 1907 e 1920, um crescimento do consumo de eletricidade pela indústria brasileira na proporção de 4,29% da energia utilizada em 1907 para 47,3% em 1920. Celso Furtado indica que, de acordo com o censo de 1920, o Estado de São Paulo concentrava 29,1% dos operários industriais do Brasil, em 1940, 34,9% e em 1950, 38,6%. Também indica que a participação de São Paulo no produto industrial do país passou de 39,6%, em 1948 para 45,3% em 1955. Esses números indicam claramente um processo de concentração industrial no estado de São



Paulo nas primeiras décadas do século 20; pelo que podemos entender que a utilização da eletricidade como força motriz na indústria paulista também cresceu.

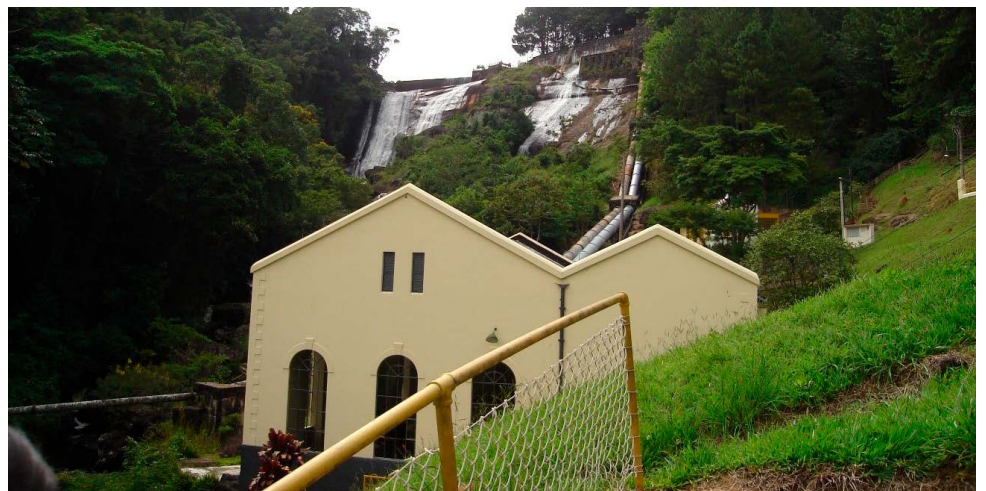
Processo um pouco diverso ocorreu fora da região próxima à capital de São Paulo. Apesar de as pequenas empresas locais para iluminação pública elétrica e distribuição de eletricidade para particulares, espalhadas por praticamente todo o território nacional terem sido incorporadas nos primeiros vinte anos do século 20; foi no estado de São Paulo que isso aconteceu de maneira exemplar. Em 1900, 7 localidades no Estado possuíam serviços regulares de fornecimento de energia elétrica, além da Capital: Rio Claro, Piracicaba, São Carlos, Cravinhos, São José do Rio Preto, Pinhal e Ribeirão Preto. Em 1920, o número de localidades servidas já havia se elevado para 227 (CD-ROM Energia no Estado de SP). A maioria dessas cidades do interior paulista eram atendidas por empresas de energia elétrica de caráter local; a capital, Santos e redondezas eram atendidas por empresas estrangeiras, porém, por se tratar de concessões locais do poder municipal as empresas locais ou regionais, tinham quase ou nenhuma articulação e não havia um planejamento entre os diversos agentes do setor elétrico nessas primeiras décadas de sua formação. Completando o quadro da formação do setor elétrico em São Paulo diferentemente do resto do país, no final do século XIX, houve uma grande acumu-

lação de capitais no Estado, fruto principalmente dos lucros da cultura cafeeira. Nos primeiros anos do século XX, também como uma consequência dessa acumulação, se acelera o processo de concentração industrial no Estado de São Paulo, o que favoreceu o desenvolvimento privilegiado da indústria de energia elétrica nesta região do país e de um crescimento da demanda por essa forma de energia.

Nos primeiros vinte anos do século 20 organizaram-se muitas pequenas empresas de caráter municipal ou regional constituídas em princípio por fazendeiros e/ou comerciantes locais. Tais empresas se organizaram no momento de consolidação do negócio através da construção de usinas e do sistema de distribuição, o que demandava aplicações de porte. Eram aceitos novos sócios, tais como "capitalistas" sediados na capital, ou as próprias casas de importação de material elétrico, de propriedade de nacionais ou

estrangeiros, que compravam os equipamentos na Europa e Estados Unidos. Caso exemplar é o da Empresa Hidrelétrica da Serra da Bocaina, estabelecida em 1910 no município de Cruzeiro e de Bocaina, atual Cachoeira Paulista, vale do Paraíba. Após assinar contratos de concessões com as respectivas prefeituras, associou-se com "capitalistas do Rio e de São Paulo"<sup>1</sup> e com a Casa Haupt & Co., importadora de equipamentos elétricos. Em dezembro de 1912 inaugurou a usina Bocaina, fornecendo energia elétrica aos serviços de iluminação pública e a "particulares" em Cruzeiro e Bocaina. Outro exemplo significativo é o da S.A. Central Elétrica Rio Claro e Associadas; denominação corrente entre os anos 1950/60 para o grupo de pequenas empresas distribuidoras de energia na região do médio Tietê que teve sua origem em

1 - Uma sociedade com o nome de Empresa Hydroelectrica da Serra da Bocaina...". Acervo FES.



**Figura 1** - Usina Hidrelétrica de Salesópolis, 2,5 MW, Rio Tietê, construída em 1913  
Foto: Renato Diniz, 2000.

1884 quando a firma Real & Portella recebeu da prefeitura municipal de Rio Claro a incumbência de iluminar eletricamente as ruas centrais da cidade. Sem ter conseguido instalar seu sistema de iluminação a empresa transferiu sua concessão para a Companhia Mecânica Industrial Rio Clareense que, em 5 de dezembro de 1895 inaugurou a Usina do Corumbataí (2,3 MW) que funcionou apenas um dia e só retomou sua geração em 1900, já como propriedade da Theodor Willie e Cia. Em 1912, atravessando problemas financeiros foi transformada em sociedade anônima, ainda controlada por Theodor Willie. Entre 1923 e 1926, sob controle acionário de Eloy Chaves, a S.A. Central Elétrica Rio Claro (SACERC), adquirindo o controle acionário, transformou em suas ‘associadas’ as empresas de Mogi Mirim e a de Mogi Guaçu. Nos anos 1940 adquiriu as de Jacutinga, de Andradina e do Salto do Itapura, que atuavam na região do baixo Tietê, próxima aos estados de Mato Grosso (hoje Mato Grosso do Sul) e Minas Gerais.

Numa outra variante podemos incluir a Companhia Paulista de Força e Luz – CPFL que teve sua origem em diversas iniciativas de uso e comercialização de energia elétrica em vários municípios da região central do Estado de São Paulo, ainda no século XIX: em 1886 a Companhia Paulista de Estradas de Ferro instalou lâmpadas elétricas na estação de Campinas; em 1890 foi fundada a Empresa Elétrica Luis de Queirós, em Pira-

cicaba; em 1893 a Companhia de Luz Elétrica de São Carlos inaugurou a usina de Monjolinho, a primeira hidrelétrica do Estado de São Paulo; em 1895 foi estabelecida a concessão para o serviço de iluminação pública por eletricidade e para a venda de energia elétrica a residências e ao comércio, em Cravinhos; em 1898 foi fundada a Empresa Força e Luz de Ribeirão Preto e a Companhia Mogiana de Luz e Força inaugurou a usina Salto de Pinhal, no município Espírito Santo do Pinhal. Em novembro de 1912 quatro empresas: Empresa Força e Luz de Botucatu. Companhia Elétrica do Oeste Paulista, Empresa Força e Luz de São Manoel e Empresa Força e Luz Agudos Pederneiras; responsáveis pelo fornecimento de energia elétrica em 13 municípios se fundiram para a criação da CPFL. A partir de então a CPFL passou a incorporar uma série de empresas fornecedoras de energia elétrica, inclusive as ligadas às iniciativas pioneiras do século XIX, acima citadas; chegando, em 1940, a deter a concessão de cerca de um terço do território do estado de São Paulo. Seu objetivo inicial, além de procurar ampliar a dimensão de seus negócios, pode ser caracterizado como uma iniciativa pioneira de se criar um sistema integrado de produção e distribuição de eletricidade no Estado, tornando-se um forte concorrente do sistema da Light.

Entender como o fornecimento de energia elétrica evoluiu – no começo quase que uma mágica pa-

trocina da ‘fada da eletricidade’; e já nos meados do século XX, uma necessidade básica e insubstituível da ‘vida moderna’ – nos permite entender melhor uma sociedade como a paulista que se industrializava e tomava posse economicamente de seu território, e também entender o papel que o Estado e os diversos atores sociais desempenharam nesse processo nas décadas seguintes.

### Referências

FURTADO, C. **Formação Econômica do Brasil**, 15ª Ed., Ed. Nacional, 1977, pág. 238.

Saes, F. Café, indústria e eletricidade em São Paulo. **Cadernos História & Energia**. São Paulo: Eletropaulo, 1986 (Vol. 1 – A Chegada da Light).

Seabra, O. **Os Meandros dos Rios nos Meandros do Poder**. Tese de Doutorado. São Paulo: Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Departamento de Geografia, 1987.

Glezer, R. Disciplina: FLH5035-2 – **Desenvolvimento Econômico e Urbanização em São Paulo**. Departamento de História da USP, 1º semestre de 2008.

Maranhão, R. Para um conceito de eletrificação no Brasil como processo social. **1º Seminário Nacional História e Energia**, em 23/10/1986, Anais do 1º Seminário Nacional História e Energia, vol. 2, p. 117.

Secretaria de Energia do Estado de São Paulo. **Energia no Estado de São Paulo**, CD-rom. 1996.